

Educomunicação Cabocla no semiárido baiano: reflexões sobre a práxis¹

Edilane Carvalho TELES²
Elis Rejane Santana SILVA³
Jaqueline Aquino RODRIGUES⁴

Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Juazeiro, BA

Resumo

Com o título envolto por uma *poiesis* muito particular, o presente texto trás um duplo sentido ao fazer criativo – no caso específico da Educomunicação, propondo refletir sobre dois aspectos presentes nas práticas: (1) Apontar caminhos exitosos da prática educacional; (2) Precisar o lugar da Educomunicação que se faz mediante a realidade sociocultural presente no solo baiano, que a nosso ver deverá respeitar os sujeitos (catingueiros) em suas idiossincrasias e saberes culturais inerentes que determinam suas identidades, que refletem seus conhecimentos e conduzem sua vida diária. De abordagem qualitativa com o percurso metodológico na pesquisa participante, a pesquisa faz uma descrição analítica das experiências realizadas em um projeto com jovens em espaços não-formais.

Palavras-chave: Educomunicação; Semiárido; Educação Contextualizada; Práxis; Realidade sociocultural.

Introdução

O presente estudo parte de uma realidade específica do contexto do semiárido baiano, com vistas a discutir a realização de projetos educacionais em espaços não-formais, cuja característica encontra na educação contextualizada os fundamentos para a

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de São Paulo (PPGCOM – USP); Docente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas, Campus III. E-mail: edilaneledes@hotmail.com

³ Docente do curso de Pedagogia (Núcleo de Educação e Comunicação) do Departamento de Ciências Humanas, Campus III da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutoranda em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM/ECA/ USP) da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: elissseco@gmail.com

⁴ Graduanda em Pedagogia pelo Departamento de Ciências Humanas, Campus III, da Universidade do Estado da Bahia. Com formação no núcleo de Educação e Comunicação (EDUCOM) E-mail: jaquelyne.rodrigues@outlook.com

construção de projetos, atendendo as demanda locais, e neste percurso, adquirindo um formato único em diálogo com os princípios da educomunicação (EDUCOM). Questionamos: seria uma “outra Educomunicação”? O nosso pensamento seria de cumprimento da Educomunicação nos termos propostos pelos pesquisadores que norteiam (nortearão) nossa práxis (SOARES, 2011; CITELLI; 2011). Com uma vocação amparada pela alteridade e respeitos as muitas e diversas realidades do nosso contexto, entretanto, com uma identidade que é única, uma construção dos sujeitos.

Ademais, nos caberá ainda ao perscrutar este caminhar educutivo, refletindo-o como princípio metodológico (uma hipótese), uma vez que a construção do projeto é sempre uma criação com os sujeitos, não seguindo nenhuma proposição curricular, mas as demandas que destes surgem. A priori parece algo engenhosamente performático, contudo Soares já aponta em seu discurso alguns índices que nos referencia ao dizer,

[...] trata-se de uma decisão ético-político-pedagógica, que necessita naturalmente se circundada pela definição de tecnologias de auxílio. Um ambiente escolar educutivo caracteriza-se, justamente, pela opção de seus construtores pela abertura à participação, garantindo não apenas a boa convivência entre as pessoas (direção docente-estudantes), mas, simultaneamente, um efetivo diálogo sobre as práticas educativas (interdisciplinares, multidisciplinares, pedagogia de projetos). (SOARES, 2011, p. 45).

A escolha inicial pela Comunidade de investigação nos projetos, implicou numa construção diária, escrita e reescrita durante todo o processo, pois não há metodologia refratárias, receituários, prévios ou orientações prontas, formalizadas. É um percurso muito particular, que se constrói no dia-a-dia e, em nosso caso, contextual, durante o período de formação com os componentes curriculares: Tecnologias da Comunicação e Laboratório de Comunicação, ambas componentes com uma carga-horária de 60h, realizadas entre os meses de março a junho de 2018, ou seja, um projeto realizado a mais de “100 mãos (mãozinhas)”, tomando como referência os lastros teóricos já mencionados, com as experiências pessoais, criatividade, ouvidos sensíveis e atentos e com o envolvimento das duas turmas de graduandos do curso de Pedagogia da UNEB.

Que buscou encontrar subsídios para a prática educacional – de fato – ou mesmo um novo rumo para comunicação, para educação.

Posto isto e diante de responder de imediato a questão: Qual a natureza da educação que fazemos no semiárido baiano? Reiteramos uma Educação cabocla, que vai se compondo a partir da própria práxis, que se efetiva admitindo ao mesmo tempo a cultura local.

A realização do projeto

Dos projetos realizados, destacaremos apenas um deles que por meio da construção no percurso de formação do pedagogo com o viés em EDUCOM, se propôs na inter-relação entre os campos como princípio epistemológico e prático do fazer em um espaço não-formal. Diante disso, surge como ação interdisciplinar entre os componentes curriculares citados, a ser realizado em uma comunidade, sendo escolhida a Comunidade de Atendimento Socioeducativo (CASE), espaço proposto. O primeiro passo foi um momento de observação e diálogo, tendo em vista conhecer o público. Portanto, os jovens foram convidados a participarem de uma roda de conversa, onde paulatinamente foram surgindo os interesses e, a partir das possibilidades apresentadas, a escolha do tema e dos meios a serem utilizados ao decorrer da realização do projeto.

A proposta então, passa a ser definida como uma construção que pretendia promover as expressões de “De dentro para fora”, uma vez que surge a partir de um contexto com jovens em semiliberdade, os quais apresentam um discurso de dor e exaustão, de ter que viver "como um pássaro em uma gaiola bem pequena, capaz de sufocar", palavras ditas por John⁵ um dos jovens da CASE, que expressa o sentimento de tantos outros que lá convivem, e na maioria das vezes, preferem se calar. Sonham com a liberdade, com a possibilidade de correr livre em uma rua, de ver a família, de poder abraçar a mãe, de estar em seus lares e estar diante de todo o contexto onde antes viviam.

⁵ As identidades dos sujeitos serão neste estudo preservadas, os nomes utilizados são invenções apenas para dar sentido ao estudo.

Assim, o projeto vai se desenhando em um contexto “cruel” de uma realidade de excluídos e marginalizados. A necessidade que apresentaram foi a de expressar os sentimentos, que por vezes são esquecidos, tendo por base a situação que se encontram, de jovens marginalizados por uma sociedade opressora, que os deixam de “fora” das oportunidades, julgados por seguirem por outros caminhos e depois que estes “pagam” por “seus erros” ainda continuam em julgamento por essa mesma sociedade. Portanto, uma realidade difícil de conviver.

O projeto se desenvolve através do diálogo, no acordo com os grupos, com os quais seriam desenvolvidas oficinas como, por exemplo, de fotografia visando registrar os momentos das outras oficinas, modelagem cerâmica e pintura, centralizando a arte como meio para expressar os sentimentos atuais e futuros. A cada etapa as construções eram decididas no compartilhamento dos interesses e em atividades de autoconsciência, como momentos de relaxamento, com vistas ao favorecimento da concentração, o que posteriormente auxiliava o processo de construção. Durante estes momentos, outras ações eram incluídas para promover as reflexões sobre a temática definida, como, por exemplo, um momento para assistir filmes escolhidos pelo grupo, como um momento de entretenimento e ação potencializadora da comunicação. Assim, todo o percurso construído foi trilhado com imagens, onde a fotografia foi o *médium* de comunicação, entre as mediações e a expressão das linguagens dos jovens.

Em cada uma das etapas a dialogicidade era o guia, como meio para ir além do que os olhos físicos podem ver e o corpo pode sentir. Cada vivência uma pausa para dar espaço às sensações e expressões, que de alguma forma os levaram a refletir sobre suas escolhas, sobre o que os levaram àquele lugar.

De dentro para fora

O tema, de muita expressividade foi uma proposta da mediadora, pois como era a primeira experiência dos jovens com uma proposta educacional, a aproximação foi gradual e conquistada dia a dia.

O viés da Educomunicação preconiza oportunizar de modo a produzir sentidos, a criação dos sujeitos envolvidos em tal processo. Nesta proposta conceitua o

procedimento de produção da comunicação como indispensável para a educação. Com o manuseio das TIC's nos espaços educativos, propiciando o aprimoramento na dinâmica da realização do processo de ensino-aprendizagem. Soares (2011) reafirma a contribuição da educomunicação, ao refletir algumas experiências vivenciadas anteriormente.

Os jovens participantes desse projeto apontam o desejo de encontrar nas possibilidades de produção da cultura, através do uso dos recursos da comunicação e da informação, os sonhos cotidianos e a transformação da realidade local. Eles se abrem para a compreensão crítica da realidade e ampliam seu interesse em participar da construção de uma sociedade mais justa, confirmando sua vocação pela opção democrática pela vida em sociedade. Tudo isso porque a participação os levou a maior conhecimento e a maior interesse pela comunidade local, inspirando ações coletivas de caráter educacional. (IDEM, 2011)

Nessa construção, os sujeitos apresentam seus interesses ou são convidados a discutir fatos presentes no meio em que estão incluídos, na tentativa de ressignificar a realidade vivenciada. Com o uso dos diversos meios tecnológicos, já que esses atuam consideravelmente na formação de identidades. Baccega (2011, p.41) esclarece sobre a atuação dos sujeitos no processo do encontro da comunicação e a educação, afirmando que

A ação do campo comunicação/educação pode ser um dos caminhos para a organização dos excluídos, dos marginalizados, dos invisíveis, de cuja inserção pode resultar a efetiva comunicação para a cidadania. Nesse campo reside um novo modo de contar a história, revivificar o passado, construir uma nova história, que inclua todos, dando-lhe vez e voz para o grito e para a canção.

Possibilitar a esses sujeitos uma visão mais ampla em um ciclo que se inicia em olhar para si, olhar para o mundo e sentir-se parte dele enquanto ser social, considerando as possibilidades dos meios em que tem acesso, produzindo sentido ao conhecimento adquirido por meio desse envolvimento que tem se tornado cada vez maior.

Buckingham (2007, p.84) chama a atenção para a atuação dos sujeitos diante do uso das mídias “[...] a proliferação de novas mídias e as características da Internet em

particular exigem novas e significativas habilidades em termos de como localizar, selecionar e avaliar a informação”, modificando a atuação muito comum entre os sujeitos, que é a redução das mídias como meio apenas de entretenimento.

Nos mais diversos espaços, o que se vê ainda chega a ser desanimador, visto que nem sempre conseguem fazer a utilização das tecnologias de modo consciente. Lima Junior (2005, p.16) explica que “[...] a presença dos recursos tecnológicos é indispensável, mas desde que os mesmos possam ser expandidos e explorados com esta ênfase na criatividade e na metamorfose (mudança, transformação de si e do contexto local)”.

Na construção desse novo "ecossistema" muitos obstáculos tendem a aparecer, já que se propõe uma grande modificação no processo educativo, sobretudo o olhar mais sensível para o processo de construção do saber. A resistência às mudanças, é considerada por Soares (2011) como o maior obstáculo nesse processo, uma vez que mesmo sendo uma proposta que apresenta tantos pontos positivos, em contrapartida faz-se necessário um maior tempo e dedicação, o que nem sempre é visto como melhor caminho a seguir.

Soares (IDEM) descreve sobre esse processo de construção, alguns pontos importantes que devem ser pensados quando se objetiva percorrer no trajeto rumo à construção desse novo "ecossistema". Ele afirma que:

[...] requer, portanto, uma racionalidade estruturante: exige clareza conceitual, planejamento, acompanhamento e avaliação. No caso, demanda, sobretudo, uma pedagogia específica, para sua própria disseminação: uma pedagogia de projetos voltada para a dialogicidade educacional, em condições de prever formação teórica e prática para que as novas gerações tenham condições não apenas de ler criticamente o mundo dos meios de comunicação, mas, também, de promover as próprias formas de expressão a partir da tradição latino-americana, construindo espaços de cidadania pelo uso comunitário e participativo dos recursos da comunicação e da informação. (Ibid. 2011, p. 37)

A educomunicação tem por característica a criação e o desenvolvimento de "ecossistemas comunicativos" abertos às inovações, com ações pautadas na criatividade e dialogicidade entre os envolvidos nos espaços educativos. Assim é

[...] uma maneira própria de relacionamento, faz sua opção de construção de modalidades abertas e criativas de relacionamento, contribuindo, dessa maneira, para que as normas que regem o convívio passem a reconhecer a legitimidade

do diálogo como metodologia do ensino, aprendizagem e convivência. (Ibid. 2011, p.45)

O ambiente educacional abrange pontos significativamente positivos no processo de aprendizagem, como a participação ativa, a abertura para a uma boa convivência entre os envolvidos, e ao mesmo tempo a concretização do diálogo. Possibilitando aos sujeitos do espaço uma relação mais profunda consigo mesmo, quando repensa seu eu, a relação com os colegas, com o mediador, com o espaço e o meio social em que estão incluídos.

O discurso atual não está pautado apenas em uma "educação para o senso crítico", mas também, uma "educação pela comunicação" entendida como um processo. Isso significa enfrentar o fenômeno da mídia a partir da perspectiva de compreender o lugar que ocupa na sociedade, o impacto e as consequências que deriva da afirmação de uma cultura mediada pela comunicação.

Soares (2011, p.47) explica que "[...] o conceito ecossistema comunicativo é a meta a ser construída, as denominadas "áreas de intervenção" apresentam-se como portas de ingresso ao universo das práticas educacionais". Essas "áreas de intervenção", esclarece, são "as ações mediante as quais, ou a partir das quais, os sujeitos sociais passam a refletir sobre suas relações no campo da educação".

Esse projeto segue o percurso metodológico com o agir educacional, o qual é a expressão comunicativa através das artes, estando concentrado na potencialização dinâmica e emancipadora de diferentes possibilidades de manifestação artística como intermédio de uma comunicação acessível a todos. Pautando os conhecimentos artísticos, voltando-os para a representatividade de si, o que ao decorrer do processo vai proporcionando descobertas diversificadas quanto às possibilidades do expressar-se, desde o abstrato ao concreto. Soares (IDEM, 2011, p.47-48) complementa que "[...] aproxima-se das práticas identificadas com a Arte-Educação, sempre que primordialmente voltadas para o potencial comunicativo da expressão artística, concebida como uma produção coletiva, mas como performance individual".

Na educação faz-se presente uma filosofia e prática entre a educação e comunicação tendo a dialogicidade como crucial durante todo o processo de construção

do conhecimento. Aparici (2014) relembra as contribuições para a educomunicação trazidas por Freire (1973) com a comunicação dialógica:

Ser diálogo é não invadir, é não manipular, é não *sloganizar*. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em “seres para outro” por homens que são falsos seres para si mesmos. (FREIRE, 1973 apud APARICI, 2014 p.32)

Este projeto teve em vista seguir os passos de Freire (1996), quanto ao entendimento de diálogo, como algo crucial para problematizar o conhecimento. Um diálogo como metodologia/filosofia. Assim, seu uso é proposto desde o primeiro momento, quando vamos ao espaço apresentar e desenvolver uma proposta educacional ao corpo organizacional, primeiro com a coordenação, depois ao público com o qual iríamos construir.

Entendendo o diálogo como meio de conscientização, é por sua vez realizado durante todo o processo, desde o chegar no espaço, durante as oficinas e após elas. Com isso é possível perceber modificações quanto aos seus pensamentos em diversas áreas. Tomando consciência de suas realidades e o que os levaram até o lugar que se encontram atualmente. Um diálogo que busca trazer para fora o que sentem no mais profundo, o que por vezes é silenciado pelo sistema em que estão inseridos. Tendo em vista perceber cada corpo presente naquele espaço como corpo afetivo, Borges (2015) sob colaboração de outros filósofos esclarece:

O *modus operandi* do corpo, esse objeto cultural, do qual, enquanto corpo próprio jamais podemos nos ausentar, se dá por conjuntura, por integração orgânica de suas partes com o mundo através de um modo de existência essencialmente afetivo. Corpo é consciência encarnada. (BORGES, 2015, p. 246)

Infelizmente, recebemos uma formação de não compreensão de si, mas de meros miméticos da sociedade. A cada momento podemos aprender algo, porém não o fazemos por não compreender a nós mesmos. Vivemos assim com corpos anestesiados e fatigados de uma rotina que impossibilita nos percebermos. No espaço onde o projeto acontece, por ser um espaço de semiliberdade, além do que já foi citado anteriormente há o agravante que são os muros externos a separação do mundo lá fora, que criam

muros internos, a separação de si, de sua essência. É preciso se perceber não apenas no mundo, mas, como parte dele assim como afirma Grieve (2009, p.13),

A cada momento todos os nossos sentidos – da visão, audição, olfato, sensibilidade tátil, dolorosa e propioceptiva – recebem informações do mundo que nos cerca, assim como do interior de nosso corpo. Damos o nome de percepção ao processamento a nível do cérebro que transforma todas essas informações em experiência imediata do mundo.

Diante dessa nova situação, os educadores concordam com a necessidade de trabalhar juntos, para alcançar uma sinergia de pessoas e recursos. As várias agências devem se equipar para realizar uma educação que atenda às necessidades do cidadão eletrônico. Também nós somos, educadores por vocação, nos perguntamos muitas vezes o problema de como educar hoje. Entre elas, uma nova perspectiva, que despertou a curiosidade: a educomunicação.

Para entender o termo educomunicação, trata-se de colocar óculos novos. A imagem das duas lentes, unidas e igualmente necessárias para permitir uma boa visão, é suficientemente clara para recordar a necessidade de que os dois pólos da educação e da comunicação estejam conectados para dar origem a uma boa formação. As lentes de que falamos são especiais; eles causam uma reforma do pensamento e nos fazem compreender a relação necessária entre educar e comunicar.

Continua a ser fundamental que a área da expressão e da arte, dentro da educomunicação, tenha em especial atenção os espaços de protagonismo em que crianças, adolescentes e jovens podem ser eles próprios, se expressarem espontaneamente, descobrirem as suas próprias palavras e modos particulares. para comunicá-lo aos outros.

Resultados que inspiram outras práticas

Os objetivos da proposta partiram das reflexões nos processos e contextos de mediações com os jovens em semiliberdade, a partir dos sentimentos, a expressão artística e o olhar fotográfico no mundo e entorno da própria realidade num agir educacional.

Assim, para desenvolver tal perspectiva, as situações partiam de problematizações já presentes nos contextos e realidade sócio-cultural que frequentam. Portanto, este projeto emerge diante de uma proposta interdisciplinar, o qual discutiu relativamente uma das dimensões do projeto que envolve as tecnologias, suas implicações e impactos na organização socioeconômica e político educacional do contexto.

Há muitos aspectos da experiência não incluídos neste estudo, cujas dimensões são por demais acrescidas para descrever, justificar e fundamentar em um único registro. Na proposta implementada, ultrapassamos as proposições do campo educativo e penetramos no imbricamento dos campos, pois o que conseguimos realizar somente foi possível com a construção de ações únicas, individualizadas, pensadas e promovidas exclusivamente ao grupo.

A provocação é para nós do campo educacional, uma vez que inserimos os percursos de investigação educomunicativa na formação do pedagogo, num entendimento da proposta que se faz única. Portanto, as reflexões podem ser iniciadas a partir da polissemia do termo nos diversos sentidos encontrados na práxis e literatura (Soares, 2011), apresentando sua grande variação na construção conceitual, uma proposta que parte dos estudos e reflexões na interface e, encontrando um campo em emergência, o que difere da proposta apresentada nos espaços formais.

Em todas as proposições, o destaque é para o seu fortalecimento através da interface, conseguindo definir-se como uma outra (entre outras) alternativa de formação nas dimensões científica/acadêmica/profissional, promovendo no Brasil e no mundo (IDEM, 2011), sua ampliação e aproximação com uma pedagogia social.

Portanto, observar a sociedade é constatar que tudo muda, as pessoas, as relações de trabalho, as perspectivas e compressões dos modos de ver e interagir (BABIN, 1989; LEVY, 1993), promovendo uma grande reviravolta nos processos e construtos no cotidiano dos sujeitos. Assim, tem-se hoje outros comportamentos e formas de responder às demandas que, dependendo do contexto e abordagem de apropriação, reforçam e/ou limitam as tentativas de alcance das construções discursivas

(BACCEGA, 1995) e formativas no âmbito das instituições nos contextos culturais e sociais. Um processo complexo cada vez mais “desafiador e arriscado”.

Neste contexto, as escolhas trazem consigo o “peso”, perspectivas e direcionamentos teórico-metodológicos à formação, além da presença da Educação Contextualizada e a EDUCOM. O processo de realização de um projeto é longo e precisa ser contínuo, não se faz em alguns momentos pontuais, portanto, o desafio ao curso e núcleo está em promover ações com os mesmos grupos e comunidades, para que os construtos sejam mais significativos aos sujeitos. Durante as etapas, os jovens foram aos poucos aproximando-se e a surpresa maior foi com aqueles que aparentemente estavam “distantes”. Em um dos encontros um jovem pede a câmara e começa a fotografar e passa a fazer continuamente. A culminância emociona, por isso que os sentimentos se expressam neste artigo, pois a participação como protagonistas da proposta ficou evidente no vir “à frente” e contar a experiência de fotografar, falar das preferências e, mesmo em um projeto que precisa de continuidade, registrar em imagem as emoções, fazendo arte.

Considerações Finais

Uma questão a ser aprofundada é a relação entre os campos, na análise e reflexão dos aspectos perceptivos, estéticos, sensoriais e cognitivos dos códigos culturais e sociais (MARTIN-BARBERO, 2014), que desafiam uma formação arraigada ao tradicional nas práticas do *fazer*, o que difere da realidade do próprio entorno.

A proposta deste artigo é sair do lugar da discussão com a educomunicação na formação do pedagogo e inserir-se nos contextos para a realização de projetos que alcançam contemporaneamente dois objetivos. O primeiro da vivência do pedagogo com a educomunicação, pois a compreensão se dá pela experiência, o discurso não esclarece os princípios e práticas. O segundo em realizar projetos de intervenção em nossa realidade cabocla, construindo uma identidade que é local e única, portanto, promover o entendimento das formações com os processos comunicacionais presentes, evidenciando a complexidade do encontro, potencializados pela abertura à escuta

necessária na construção epistemológica e científica nos *tempos-espaços* da interface dos campos em espaços não-formais.

Neste estudo, o diálogo foi essencial para o agir comunicativo e a relação propostas na metodologia com a EDUCOM fundamentada na educação contextualizada, cuja aproximação e autoria com a comunidade (povos, realidades como se apresentam), e o processo comunicativo/educativo (educomunicação), promove como metodologia um percurso que potencializa as ações nas/das formações.

O desafio inicia com a compreensão do vasto campo de atuação, complexo e necessário para redimensionar a prática profissional do pedagogo com os processos educacionais na contemporaneidade. Retornamos assim, à discussão sobre a necessidade de criar proposições teórico-metodológicas que promovam o diálogo entre os saberes e conhecimentos dos sujeitos nos contextos, promovendo um maior diálogo com outros campos de conhecimentos, nesta experiência, com a realidade sociocultural.

Assim, diante dos aspectos abordados anteriormente, esta pesquisa constrói um percurso que considera coerente mergulhar nas bases sociais para construção do percurso de investigação e do fazer educacional, para depois continuar a sua aplicabilidade. Interessante foi imbricar-se com a experiência, sabendo, que esta traria elementos nem sempre compreensíveis para o estudo, enriquecendo-o e desafiando a criar e transformar para além do já construído.

A proposta aparece como compreensão de práticas que compreendem a exigência que desequilibra as bases formativas nos cursos e na educação, questionando sua dimensão ética, onde o real objetivo para o entendimento necessita de outras bases fundantes no diálogo com as fronteiras a serem (re)criadas.

Referências

APARICI, Roberto. Introdução: a educomunicação para além do 2.0. In: APARICI, Roberto (org.) **Educomunicação: para além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014.

BABIN, Pierre e KOULOUMDJIAN, Marie-France. **Os novos modos de compreender**. A geração do audiovisual e do computador. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. In: CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C. (Org.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 31-41.

_____. BACCEGA, Maria A. **Palavra e discurso**. História e literatura. São Paulo: Ática, 1995.

BORGES, J. J. Árvores e Budas: **Alternativas do misticismo ecológico e suas teias políticas**. Simões Filho: Kalango, 2015.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na Era das Mídias Eletrônicas**. Trad. Gilka Girardello e Isabel Orofino. Rio de Janeiro: Loyola, 2007.

CITELLI, Adilson. Comunicação e educação: implicações contemporâneas. IN: CITELLI, Adilson e COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 59-76

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática Educativa. 25 Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

GRIEVE, June. **Neuropsicologia em terapia ocupacional: Exame da percepção e cognição**: Blackwell Science Ltd. Livraria Santos Editora Ltda. 2ª ed, 2006, 1ª Reimpressão, 2009

LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LIMA JR, Arnaud Soares de. **Tecnologias Inteligentes e Educação: currículo hipertextual**. 1 ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuição para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas 2011.

_____. A formação do Educomunicador: 15 anos na busca de uma mais profunda inter-relação entre o profissional da comunicação/educação e o mundo das crianças e dos adolescentes. CD-ROM. **Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2005. Rio de Janeiro. Anais. São Paulo: Intercom, 2005.